



A RELEVÂNCIA DAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE PAULO FREIRE PARA O ENSINO JURÍDICO NA ATUALIDADE

THE RELEVANCE OF PAULO FREIRE'S PEDAGOGICAL CONCEPTIONS FOR CURRENT LEGAL EDUCATION

Janete Correia Vargas¹
José Henrique Pires Locateli²
Lucas Ribeiro Locateli³

“Diga-me e eu esquecerei, ensina-me e eu lembrarei, envolva-me e eu “(CONFÚCIO).

RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca do pensamento pedagógico de Paulo Freire e suas relações com o processo de ensino e aprendizagem a partir das pedagogias desenvolvidas por ele. Além disso, se fez necessário alguns esclarecimentos acerca do que compreendemos por aprendizagem e construímos interlocuções com base em Zanella (2004) e Gallo (2012). Este artigo foi construído com base em pesquisa bibliográfica, utilizou-se de um método dedutivo de abordagem para melhor compreensão do trabalho. O trabalho é relevante porque fornece subsídios para ponderarmos o contexto educacional com base no pensamento freireano, o qual se mostra cada vez mais pertinente para o modelo atual de educação, com isso, o tema se encontra na linha de pesquisa “Constitucionalismo e Concretização de Direitos”.

Palavras-chave: Aprendizagem; Paulo Freire; Pedagogias.

ABSTRACT

The article aims to present a reflection on the pedagogical thinking of Paulo Freire and his relations with the teaching and learning process from the pedagogies developed by him. In addition, some clarification about what we understood through learning was necessary and we constructed dialogues based on Zanella (2004) and Gallo (2012). . This article was constructed based on the bibliographical research, using a deductive method of approaching to better understanding of the research. The paper is relevant because it provides subsidies to consider the educational context based on Freirean thinking, which is increasingly relevant

¹Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana - UFN. Especialista em Linguagem e Representação: ênfase em Linguística pelo Centro Universitário Franciscano e professora de Literatura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na Escola Estadual Professora Maria Rocha, em Santa Maria - RS. janetecvargas@gmail.com (autora).

²Professor de Direito do Trabalho na FADISMA. Aluno do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens na Universidade Franciscana. jjhhppll@gmail.com (autor).

³Aluno do 10º semestre do Curso de Direito da FADISMA. lucaslocately@yahoo.com.br (autor).



to the current model of education, with this, the theme is in the line of research of "Constitutionalism and Implementation of Rights"

Keywords: Learning; Paulo Freire; Pedagogies.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar as concepções pedagógicas de Paulo Freire, bem como a relevância de suas ideias para o processo de ensino e aprendizagem, e a partir disso, expor elementos que corroborem para justificar a revalorização de seu pensamento pedagógico para o atual contexto educacional no Brasil.

O trabalho pretende discutir o pensamento pedagógico do educador com base em sua bibliografia, bem como a partir de outros autores que discorreram sobre suas concepções de educação, sem entrar nos detalhes específicos que dizem respeito à alfabetização de adultos, mas focalizando os aspectos que dizem respeito ao processo educacional de qualquer escola, incluindo o ensino superior, e por consequência o ensino jurídico.

Na sequência deste trabalho apresentamos uma reflexão sobre alguns conceitos de aprendizagem com base nos autores propostos. Posteriormente, discutimos as pedagogias de Paulo Freire e sua relevância para o contexto escolar atual.

Desta forma, este trabalho irá abordar temas ligados à área de concentração de "Cidadania, Políticas Públicas e Diálogo entre Culturas Jurídicas" e na linha de pesquisa da Instituição "Constitucionalismo e Concretização de Direitos", ao tratar deste assunto com intuito de trazer uma melhor percepção da sociedade ao debater os conceitos de aprendizagem e ensino de Paulo Freire.

CONCEITOS E PROCESSOS CARACTERÍSTICOS DA APRENDIZAGEM

Ao longo da história da educação, pesquisadores têm refletido acerca do conceito de aprendizagem, bem como quais elementos são característicos desse processo. Após tantos anos de pesquisa, os estudiosos ainda não chegaram a um consenso e dificilmente chegarão, pois há vários fatores envolvidos no processo do aprendiz que ainda permanecem obscuros.



Um fator que Zanella (2004) ressalta, é que nenhum educador ou pesquisador tem acesso direto aos processos de aprendizagem. Sabe-se o que acontece após o período da aprendizagem, quando uma mudança ocorreu no indivíduo, mas não de que forma a aprendizagem efetivamente aconteceu. Assim como Zanella (2004), alguns estudiosos concordam que a aprendizagem é um processo que se inicia a partir do nascimento e se finda apenas com a morte.

Gallo (2012) salienta que na tradição ocidental, fundada numa matriz platônica, ao nascermos já iniciamos um processo de reconhecimento, ou seja, ao adquirirmos um corpo nesta Terra, passamos por uma espécie de “véu do esquecimento” e ao longo de nossa vida terrena, nossa alma vai, aos poucos, se recordando daquilo que já sabíamos. E Gallo acrescenta: “O aprender constitui-se, pois, numa reconhecimento, em voltar a saber algo que já se sabia. Esse processo pode ser “acelerado” e aprimorado com treino – o processo educativo - e culmina com o exercício da Filosofia, o conhecimento das puras ideias.” (GALLO, 2012, p.1). Gallo ainda acrescenta dizendo que essa concepção platônica de aprendizagem, isto é, o processo de aprender por meio da reconhecimento “é a matriz do pensamento educacional e pedagógico.” (GALLO, 2012, p.1). Criticando essa visão platônica da educação, Gallo (2012) defende a necessidade de uma escola que privilegie o desenvolvimento de habilidades como a interatividade, a criatividade e a inventividade.

Segundo Gallo, “qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado, (...) embora não temos consciência durante o processo” (Gallo, 2012, p.3). Ainda segundo o autor (2012), rememorando ensinamentos de Deleuze, aprende-se muito mais fazendo com os outros e não fazendo como os outros fazem.

Aprender, assim, para Gallo e Deleuze, vai muito além da simples reconhecimento “platônica”, mas envolve a criação de algo novo, diferente, a partir daquilo que se aprende com os outros; disso decorre a necessidade de uma educação, então, que privilegie a interação e as trocas entre os educandos, a criatividade e a inventividade, indo muito além da simples noção de uma educação baseada em repetição e reconhecimento ao estilo platônico, há tempo a base de nosso sistema educacional.

Segundo Zanella (2004), o fato de o ser humano interagir em vários ambientes faz com que a aprendizagem também ocorra em situações variadas. Ele afirma que existem



aprendizagens que ocorrem em contextos informais e que certamente, a maior parte delas acontece nesse tipo de contexto, em as experiências e situações vão surgindo e a aprendizagem vai acontecendo sem que haja uma programação prévia, típica dos ambientes formais. E corrobora dizendo que: “[...] muita coisa se aprende sem que haja uma deliberação planejada; é o que se conhece como aprendizagem circunstancial, significando um grande número de aprendizagens na vida humana” (ZANELLA, 2004, p.24).

Nesse sentido, Gallo (2012) também concorda com Zanella (2004) ao dizer que não há um controle sobre o aprendizado, pois nem todos aprendem as mesmas coisas, da mesma maneira. Para Gallo, não existe uma ligação indissolúvel entre ensino e aprendizagem, pois quando se menos espera a aprendizagem acontece, sem que ninguém tenha ensinado efetivamente. E afirma,

Qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado, ainda que ele seja obscuro, isso é, algo que não temos consciência durante o processo. É apenas ao final que aquele conjunto de signos passa a fazer sentido; e, pronto, deu-se o aprender, somos capazes de perceber o que aprendemos durante aquele tempo que nos parecia perdido. (GALLO, 2012, p. 3).

Gallo (2012) parafraseia Deleuze (2006) ao declarar que: “[...] em princípio nem o próprio aprendiz sabe que está aprendendo. Não há métodos para aprender, não há como planejar o aprendizado. Mas o aprender acontece, singularmente, com cada um” (GALLO, 2012, p.5).

A partir das concepções dos autores discutidos, observa-se que a aprendizagem acontece de diferentes maneiras e em momentos distintos para cada um. Contudo, o mais importante não é ter um pleno conhecimento de como a aprendizagem se faz, mas observar como o indivíduo responde ao ambiente, a partir da interação com o mesmo. Assim, o processo da aprendizagem torna-se facilitado pelo convívio entre pares e professores, pelas trocas e pelo compartilhamento de vivências e de saberes.

AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE PAULO FREIRE E A SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ATUAL



Para melhor compreender as concepções pedagógicas de Paulo Freire, aqui se faz um breve resumo de sua vida, apresentando alguns fatos importantes de sua biografia.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu na cidade de Recife, no ano de 1921. Filho de um policial militar e de uma dona de casa, situado economicamente na classe média, viveu, no entanto, a pobreza e a fome em decorrência da grande crise econômica de 1929.

Em 1943 entrou para o curso de Direito da Universidade de Recife, dedicando-se, desde já, aos estudos da filosofia da linguagem, sem nunca ter exercido a profissão de advogado, e indo trabalhar, como professor de Língua Portuguesa numa escola do então segundo grau. Em sua carreira de professor, logo se voltou para a alfabetização de pobres e de adultos, desenvolvendo o chamado método Paulo freire de alfabetização.

Depois disso, vivendo os anos tumultuados e turbulentos da fase de nossa redemocratização após a queda de Getúlio Vargas, tornou-se um defensor das políticas nacionais - desenvolvimentistas da época, colaborando com vários governos municipais e estaduais da época e com o Plano Nacional de Alfabetização, do governo do Presidente João Goulart, que tentava incorporar as chamadas reformas de base.

As reformas de base, proposta pelo Presidente João Goulart, envolviam temas como a implementação da reforma agrária, uma reforma educacional, uma reforma fiscal, uma reforma eleitoral, uma reforma urbana, uma reforma bancária. A reforma eleitoral consistia, basicamente, em se permitir o voto aos analfabetos e aos militares de baixa patente, até então excluídos do processo eleitoral.

A reforma educacional consistia na valorização do magistério em todos os níveis e no combate ao grande analfabetismo, com a aplicação do método de Paulo freire e com a implementação de mais de 20 mil círculos de cultura.

Com o golpe militar de 1964 foi exilado, seguindo para a Bolívia, por um breve período, e indo para o Chile, onde trabalhou por cinco anos na implementação do programa de reforma agrária. Após esse período, passou alguns meses nos EUA, onde lecionou na Universidade de Harvard, e seguiu para Genebra, trabalhando para o Conselho Mundial de Igrejas, como consultor, em projetos de reforma educacional em vários países da África que acabavam de se libertarem do domínio colonial europeu.



Em 1980, após a lei de anistia e o início da abertura do regime militar, retorna ao Brasil, atuando como supervisor do programa de alfabetização do Partido dos Trabalhadores. Foi Secretário de Educação do município de São Paulo. Faleceu no ano de 1997.

Embora não seja a pretensão deste artigo oferecer detalhes específicos do método Paulo Freire para a educação de jovens e adultos, bem como a sua eficácia para a alfabetização nessa faixa etária, torna-se relevante apresentar o método, ainda que de forma muito simplificada, visto que ele é uma parte importante de sua trajetória como educador.

O método foi aplicado e testado na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. A experiência resultou na alfabetização de 300 cortadores de cana num prazo de 45 dias, num total de 40 horas de aula sem o uso de qualquer cartilha ou livro. O método consiste, resumidamente, em:

Uma etapa de investigação, com uma busca conjunta entre professores e alunos por palavras e temas do cotidiano da vida dos educandos, no universo vocabular dos mesmos. Uma etapa de tematização, através da escolha de palavras de temas para uma tomada de consciência do mundo. Uma etapa de problematização, onde, inspirados pelos professores, os educandos passariam de visão mágica e ingênua do mundo e da vida, para uma visão conscientizada.

Sendo assim, escolhidas as palavras geradoras, dentro do universo vocabular dos alunos, entre 18 a 23 palavras, aproximadamente, as mesmas são apresentadas em cartazes, com o auxílio de imagens, seguindo-se uma discussão com a finalidade de, dentro da realidade da turma, atribuir significado as palavras e temas escolhidos.

Na sequência, identificadas às palavras geradoras, passa-se ao estudo das mesmas através da divisão silábica e utilizando as sílabas já conhecidas, passa-se a uma etapa de formação de novas palavras. Através das palavras e dos temas escolhidos, durante as discussões a partir das palavras escolhidas, vai se trabalhando a alfabetização e conscientização acerca dos problemas vividos pela comunidade na qual os educandos estão inseridos.

Freire apregoa a necessidade de uma educação que fuja das barreiras e limites impostos por uma escola tradicional. A educação, mais do que alfabetizar, precisa ser



formadora de consciências, para que através de uma formação completa do ser humano, possa promover a sua libertação. A escola, segundo freire, precisa incorporar e trabalhar com os valores da democracia, não podendo ser a educação um fim em si mesma, não se podendo simplesmente educar por educar, mas, ao contrário, a educação deve ter por finalidade a conscientização dos educandos.

Nesse contexto, muito se debatia entre dois modelos: um modelo tradicional, tal como o que ainda hoje conhecemos em que o aluno passa por um processo de domesticação, e um modelo progressista, que privilegia a liberdade do educando. A escola tradicional, passiva, seria substituída pelos círculos de cultura, mais dinâmicos, em consonância com o momento histórico em que se vivia.

Além disso, o professor, até então visto como um repassador de conteúdo, um transmissor de conhecimentos, seria substituído por um coordenador de debates, inserido na realidade de cada grupo. A aula discursiva e expositiva, como método preponderante, seria substituída por uma aula dialogada, com a troca de informações e de experiências entre os participantes do grupo.

Os programas pedagógicos, desvinculados e alienados da vida cotidiana dos educandos seriam substituídos por um programa mais compacto, formulado com a participação dos educandos. A ingenuidade dos educandos, aos poucos, seria substituída por uma criticidade. Nesse contexto, exilado pelos militares, Freire troca o contexto da realidade brasileira que vivenciava pelo convívio com outros exilados, e pelo contato com outras ideias a respeito de educação.

Em 1968, no exílio, Freire publica a Pedagogia do Oprimido. É necessário destacar o novo contexto da época. Com o início das ditaduras militares na América Latina após a vitória dos revolucionários em Cuba, os movimentos pelos direitos sociais nos Estados Unidos, e os protestos de estudantes e trabalhadores, em Paris se irradiaram pelo mundo, dividido por uma disputa entre as duas principais potências militares. Em voga, na América latina, a Teologia da Libertação, movimento reformador da Igreja Católica, que privilegiava a atuação da igreja em favor dos pobres e dos oprimidos, buscava a incorporação das decisões do Concílio Vaticano II e das ideias progressistas do Papa João XXIII.



No Chile, Freire trabalhou, como já vimos, na implementação do programa de reforma agrária, levado a cabo pela Democracia Cristã. As lutas revolucionárias em prol dos oprimidos levaram Freire a incorporar em seu novo livro as ideias do marxismo e do socialismo. Exemplificativo dessa mudança, por exemplo, é a substituição da expressão consciência da realidade nacional pela expressão da consciência de classe, liberdade por libertação, etc.

Nessa senda, Freire (1997) apregoa a necessidade de substituição de uma educação, dita bancária, por uma educação problematizadora. A pedagogia do oprimido, segundo Freire, “é aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante pela recuperação da sua humanidade” (FREIRE, 1987, p.17). E complementa: “Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação em que essa pedagogia se fará e se refará” (FREIRE, 1987, p.32). Freire vê como um grande problema o fato de oprimido ter, em sua consciência, introjetados os valores dos opressores.

Com isso, a educação precisa fazer com que os oprimidos tomem consciência de suas realidades, para então, permitir, que essa contradição entre oprimidos e opressores seja superada. Essa superação, no entanto, não pode se limitar a uma inversão de papéis entre oprimidos e opressores. Os oprimidos, livres, não podem se converter em novos opressores. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1997, p.95).

Sendo assim, a consciência da opressão, proporcionada pela educação, e que possibilitará o desencadeamento de um processo de libertação, que levará a libertação não somente dos oprimidos, mas a libertação de todos, pois os opressores também precisam se libertar do mesmo sistema, sem, contudo, se tornarem agora os oprimidos, numa simples inversão de papéis.

Freire afirma que a educação tradicional, por ele denominada educação bancária, ainda tem sido a mais praticada em nossas escolas, apesar de há muito tempo já estar superada e desatualizada, inadequada para as exigências dos novos tempos.

Para Freire (1997), educação bancária é aquela em que:

O educador e o que educa; os educandos, os que são educados;



O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente;
O educador é o que disciplina, os educandos, os disciplinados;
O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a educação;
O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acostumam a ele;
O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos, estes devem adaptar-se às determinações daquele;
O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.
O educador, assim, e aquele que, sendo o detentor absoluto de todo o conhecimento, transmitindo, deposita esses conhecimentos nos educandos, numa típica operação de transferência de conhecimento, por isso dita “bancária”.
(FREIRE, 1997, p.126).

Após demonstrar a inadequação desse tipo de educação, Freire defende a necessidade de uma educação problematizadora. Ao contrário da bancária, a educação problematizadora não é um ato de depósito de conhecimentos, de narração de conhecimentos, de transferência ou de transmissão, mas é, antes de tudo, um ato cognoscente. O conteúdo programático funciona como o mediatizador entre os sujeitos envolvidos nesse processo de produção do conhecimento, e não de simples transmissão. A superação da contradição entre educador - educandos se faz com o uso de uma relação dialógica.

Nesse sentido, a verdadeira educação é um processo que se faz através de um trabalho em conjunto, envolvendo educandos educadores. A relação entre educandos educadores não pode ser uma relação baseada na hierarquia. Embora diferentes, não podem ser opositores, adversários, antagonistas. A direção exercida pelos educadores deve ser realizada sem arbitrariedades e autoritarismos, sem manipulações e opressões. Segundo Moreira (2015),

Na educação dialógica, o educando é quem deve perguntar, questionar. Mas isso não significa que o educador seja um repositório de respostas nem que existam respostas definitivas. Não há respostas definitivas. Todas são provisórias. O importante é o perguntar que leva ao conhecer que também não é definitivo.
(MOREIRA, 2015, p.154).



Dessa forma, Freire vê a educação como um processo permanente, que se faz ao longo de toda a vida, pois o homem é um ser incompleto e inacabado. Essa educação permanente, no entanto, não existe sem amor. “O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita” (FREIRE, 1997, p. 29).

Contudo, as escolas ao invés de uma educação com amor e permanente, ainda continuam atreladas a um processo que privilegia a educação bancária, sem permitir, assim, a passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica. De acordo com Freire, “a consciência crítica não se satisfaz com aparências, reconhece que a realidade é mutável, é indagadora, investigadora, é intensamente inquieta, procura verificar as explicações, não aceita explicações mágicas, ama o diálogo, está sempre disposta a revisões” (FREIRE, 1997, p. 41). Segundo Freire, “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2016, p.120).

Para educarem-se entre si, os homens precisam de uma educação, também, que privilegie o diálogo como fonte de aproximação e de trocas. Conforme afirma Freire (2016), a dialogicidade é a essência da educação como prática da libertação. O professor, no entanto, precisa ter a consciência de que não há diálogo sem humildade, pois todas as verdades, e todos os conhecimentos, por mais atuais que sejam, são sempre precários, instáveis, passageiros, suscetíveis de serem modificados e aprimorados, ou até mesmo superados, por novos conhecimentos e novas verdades.

Nesse sentido, Freire declara: “não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (FREIRE, 2016, p.79). Esse amor pelos educandos, defendido por Freire, não diz respeito ao amor no sentido usual, mas a um amor, a um querer bem, que implica e decorre da responsabilidade e do compromisso dos professores para com os seus alunos.

O professor, segundo Freire, comprometido com seus educandos, valoriza os saberes e a cultura do meio em que os mesmos estão inseridos, para, a partir daí se criarem as condições para o alargamento e o enriquecimento de seus campos culturais e a descoberta de novos horizontes para suas vidas.



Precisamos entender de modo sintético, como sendo cultura tudo aquilo que é produzido pelos humanos. A ação cultural é, para Freire (1981), um processo semelhante a educação, que consiste em práticas por pessoas ou grupos que vai permitir o desenvolvimento da cultura dos educandos, o relacionamento entre ideias, obras, etc, expandindo o campo cultural não somente pela educação, mas também pela sensibilização, através da ação dialógica e comunicativa, fazendo, assim, surgirem e se potencializarem as condições para que as pessoas se tornem sujeitos, ao invés de simples objetos da sua cultura.

Pela ação cultural os indivíduos também podem exercer os seus direitos ao acesso aos conhecimentos, melhorando e aperfeiçoando os conhecimentos que já possuíam, e adquirindo novos conhecimentos, e podendo produzir, assim, os conhecimentos que precisam para tocarem suas vidas com autonomia e com dignidade, livres de toda e qualquer opressão, precisando, para isso, de uma “pedagogia da autonomia”, com uma educação libertadora.

Na obra “Pedagogia da autonomia” (2016), Freire estabeleceu princípios simples para uma educação libertadora:

- 1) Não há docência sem discência;
- 2) Ensinar não é transferir conhecimentos;
- 3) Ensinar é uma especificidade humana.

Do primeiro princípio decorre: ensinar exige rigorosidade metódica, criticidade, reflexão sobre a prática. Do segundo princípio, decorre que ensinar, ao invés de somente transferir conhecimentos, importa em criar as possibilidades para a sua própria produção ou para a sua construção. Do terceiro princípio decorrem as exigências, para o professor, dentre tantas outras de ter comprometimento; saber escutar; reconhecer que a educação é sim, ideológica; ter sempre, disponibilidade para dialogar e querer bem aos educandos (FREIRE, 2016, p.47).

Em síntese, da leitura dos princípios acima enunciados, temos que o conhecimento nunca é um produto pronto e acabado. Devemos, portanto, estarmos sempre imbuídos de que a aprendizagem é um processo contínuo que se faz ao longo de toda a vida.



A construção do conhecimento deve ser fruto de um trabalho em conjunto que envolva alunos e professores, numa interação constante entre conhecimentos já construídos e conhecimentos em pleno processo de construção, de verdades em processos ainda de descobertas.

Sendo assim, não há conhecimento sem curiosidade e indagação e por isso a pesquisa deve ser estimulada. Os saberes, as realidades e as necessidades dos educandos devem ser levadas em consideração para que os conteúdos programáticos não estejam descontextualizados e alienados, para que os alunos não se sintam desestimulados, marginalizados. Freire defende a necessidade de a educação levar em consideração os saberes e as realidades de cada educando, cabendo ao professor otimizar a utilização dos recursos disponíveis.

Essa afirmação assume uma enorme relevância em face das informações empíricas que temos e nos dão conta da precariedade material vivida por muitas escolas, nas quais não existem nem ao menos bibliotecas e computadores acessíveis aos alunos, carentes de quase tudo, num momento em que ingressamos numa era digital e tecnológica.

As novas tecnologias também deverão ser levadas em consideração, de modo a inseri-las no sistema educacional como facilitadoras do processo de ensino e de aprendizagem, mas tomando o cuidado para não se cair, de modo acrítico, em uma nova dependência, agora sob o rótulo de uma nova modernidade.

Neste sentido, acredita-se que esta reflexão oportunize aos educadores um olhar sensível e crítico aos rumos que o ensino está a tomar no atual contexto educacional. Esta reflexão serve também de alerta para os perigos de uma educação que cada vez mais se afasta dos seres humanos e volta-se para a técnica, a eficiência e eficácia.

Assim, da análise das primeiras obras de Freire, podemos, provisoriamente, formular um conceito de educação: Educação é uma ação cultural, um processo, no qual os educandos assumem o papel de agentes de seu processo formativo, numa ação dialógica com colegas e professores; no decorrer desse processo, os educandos vão emergindo de uma consciência mágica e ingênua para uma consciência crítica, tomando consciência de suas condições e desencadeando um processo de sua libertação e da libertação dos demais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos no modelo de educação brasileiro – ainda baseado em escolas tradicionais -, as concepções de Freire sobre educação e ensino não poderiam ser mais atuais e relevantes para esse contexto. Ao refletirmos, por exemplo, sobre o papel do professor como mediador, e não mais como o elemento central do processo de ensino e de aprendizagem, em que era o detentor e transmissor monopolista do conhecimento, precisamos reavaliar as nossas práticas.

A interação social e a troca de vivências e de saberes - hoje facilitadas e potencializadas pelo advento das tecnologias e mídias digitais -, tornam-se cada vez mais necessárias, em todo e qualquer ambiente de aprendizagem, seja este ambiente um espaço formal ou não, tendo sempre em consideração, contudo, que as novas tecnologias não podem ser vistas como um fim em si mesma, mas, sim, como instrumentos facilitadores do processo de ensinar e aprender

Os conteúdos, sem perder importância, assumem um papel secundário e a significação desses conteúdos passa a ser mais importante do que o próprio conteúdo em si. A escola dos dias atuais, para que mantenha o seu papel fundamental de indutora do progresso e da cidadania, precisa, com urgência, uma educação que prepare os jovens não apenas para o mercado de trabalho, mas também para um convívio social, num ambiente de respeito e de tolerância ao outro e ao diferente, e de amor ao próximo e à humanidade como um todo. Essa nova escola precisa, muito além de ensinar conteúdos, defender os valores que são caros a uma sociedade que se quer mais justa e mais solidária.

No entanto, para a consecução desses objetivos, nosso sistema educacional precisa, muito mais do que apenas transmitir conteúdos, inculcar nos jovens os valores da democracia, da solidariedade, da ética e da paz. A nossa sobrevivência, como espécie, depende do cuidado que dispensamos ao meio em que vivemos, e a escola, nesse aspecto, precisa ensinar o respeito e o cuidado aos rios, às praças, aos monumentos, aos animais e a nossa própria cultura e história, bem como a história e a cultura de outros povos, todos participantes e constituintes de um mesmo e único todo: a humanidade.



Para que isso se torne uma realidade plausível, os jovens precisam de uma escola que permita uma formação integral, humanística e ética, para que assim tenhamos cidadãos íntegros e autônomos, capazes de tomar as decisões em sua vida cotidiana com autonomia e prudência, sem nunca descuidar os reflexos dessas decisões na vida dos demais.

A escola, em nossa opinião, que aplicar os ensinamentos de Paulo Freire, aqui sintetizados, estará preparando os jovens para um futuro em que cada novo obstáculo será transformado em um novo desafio, e cada novo desafio transformado em uma nova oportunidade. Assim, a escola resgatará e aprimorará o seu papel de instituição condutora de um processo de formação da cidadania, ciente de um papel que vai muito além da preparação dos jovens para um sistema econômico que se centra na produtividade.

As escolas, nestas inseridas as faculdades de Direito, precisam promover o resgate e o aprimoramento da compreensão, da contextualização, da criatividade, da imaginação, da democracia, da ética, da solidariedade, da paz, da tolerância, e de outros tantos valores, para que possamos chegar a uma sociedade mais justa e mais solidária, com a qual Paulo Freire tanto sonhou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

GADOTTI, Moacir (Organizador). **Paulo Freire: uma bibliografia**. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2018.

GALLO, Silvio. **As múltiplas dimensões do aprender**. Congresso de educação básica: aprendizagem e currículo. COEB, 2012.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 2015.



ANAIS DA 15ª SEMANA
ACADÊMICA DA FADISMA
DIREITO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ISSN: 2446-726X



ZANELLA, Liane. **Aprendizagem: uma introdução**. Psicologia e educação: o significado do aprender. Organização de Jorge La Rosa. 8. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.